

O QUE SABEMOS SOBRE A CRISE ECONÓMICA, PELA METÁFORA. CONCEPTUALIZAÇÕES METAFÓRICAS DA CRISE NA IMPRENSA PORTUGUESA

AUGUSTO SOARES DA SILVA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA – BRAGA

RESUMO

Tendemos a conceptualizar domínios mais abstractos e intangíveis por similaridade com domínios mais concretos e fundamentamos este mapeamento metafórico na experiência individual e colectiva. Neste estudo, analisaremos as metáforas conceptuais que estruturam o discurso jornalístico da imprensa portuguesa sobre a actual crise financeira e económica e que o tornam comunicativamente eficiente. A análise baseia-se num corpus de notícias e artigos de opinião de jornais nacionais e económicos publicados entre Setembro de 2008 e Março de 2009 e segue o quadro da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff & Johnson 1980, 1999) e de outras áreas de investigação em Linguística Cognitiva (Gee-raerts & Cuyckens 2007). As metáforas conceptuais da crise mais produtivas têm por domínios origem o corpo humano, particularmente os seus estados de doença (CRISE É DOENÇA), perturbações atmosféricas e geofísicas (CRISE É TEMPESTADE/SISMO) e a guerra (CRISE É INIMIGO). Estas metáforas fundamentam-se em padrões da experiência corpórea, como as relações 'dentro-fora', 'em cima-em baixo' e 'força'. Esta *corporização* das metáforas da crise torna-as modelos cognitivos com importantes funções ideológicas.

PALAVRAS-CHAVE

Corporização, crise financeira/económica, discurso económico, discurso jornalístico, esquemas imagéticos, ideologia, linguística cognitiva, metáfora conceptual, modelo cognitivo e cultural.

1. A METÁFORA CONCEPTUAL

Tendemos a conceptualizar domínios mais abstractos e intangíveis por similaridade conceptual com domínios mais concretos e imediatos e processamos este *mapeamento metafórico* com base em aspectos básicos e gerais da experiência individual e em aspectos culturais e sociais da experiência colectiva. Mais do que instrumento retórico, a metáfora é um fenómeno conceptual por natureza, um mecanismo cogn(osc)itivo, um modo natural de pensar e de falar, tanto na linguagem corrente como no discurso científico. Esta deslocação para o plano do sistema conceptual do que tradicionalmente é identificado na linguagem e relegado para um nível anormal e este reconhecimento da naturalidade e ubiquidade do pensamento metafórico enformam a Teoria da Metáfora Conceptual, desenvolvida no quadro da Linguística Cognitiva (Geeraerts & Cuyckens, 2007), desde o estudo seminal de Lakoff & Johnson (1980), epistemologicamente fundamentado em Lakoff & Johnson (1999), e hoje com uma extensa bibliografia (ver Silva, 2003, 2006).

A *metáfora conceptual* não se restringe a uma extensão semântica de um único item lexical, antes constitui um esquema ou padrão conceptual, sob a forma $x \text{ é } y$, que se realiza num conjunto aberto de expressões diferentes e envolve um conjunto sistemático de correspondências ontológicas e epistémicas entre os respectivos domínios conceptuais origem (y) e alvo (x). Tomamos uma realidade que conhecemos (ou pensamos que conhecemos) melhor como ponto de referência, como modelo para compreendermos fenómenos complexos. O mapeamento é sistemático, parcial, unidireccional e geralmente torna-se automático e inconsciente. Diferentes metáforas conceptuais combinam-se em redes e hierarquias.

As metáforas conceptuais servem para organizar mentalmente a estrutura e o funcionamento de fenómenos complexos, sendo por isso metáforas *estruturais*. Mas podemos ir mais além e entendermos o domínio meta (o que queremos compreender) como

se fosse efectivamente o domínio origem (o que utilizamos para compreender), passando as respectivas metáforas a ser *ontológicas*. Estrutural ou ontológica, a metáfora conceptual não só é de extraordinária importância para a nossa compreensão do mundo, como pode ser um poderoso instrumento de manipulação emocional, ideológica, política (ver Dirven, Frank & Pütz, 2003). Todo este potencial da metáfora conceptual é naturalmente aproveitado no discurso jornalístico: longe de ter aí uma função decorativa, ela serve para captar a atenção do leitor, para o levar a compreender o que se passa no mundo e até para lhe impor determinada forma de pensar e/ou agir.

A ideologia é uma dimensão crucial da metáfora e esta dimensão, tradicionalmente estudada pela Análise Crítica do Discurso, tem recebido na última década uma atenção crescente dentro da Linguística Cognitiva (ver síntese de Dirven, Polzenhagen & Wolf, 2007). De facto, a metáfora desempenha funções ideológicas tanto no sentido geral de *ideologia* de um conjunto de normas e valores explícitos ou implícitos que orientam os modos de agir e viver, como no sentido mais restrito de relações sociais de poder. A ideologia compreende tanto aspectos conscientes como inconscientes e as ideologias explícitas estão intimamente relacionadas com as conceptualizações convencionais partilhadas por determinado grupo social. Crucial para a compreensão da ideologia, tanto no seu sentido geral como no seu sentido restrito, é a noção de *perspectiva*: processos conceptuais e linguísticos estabelecem perspectivas específicas, muitas vezes inconscientes, sobre o mundo ou predispõem os falantes para tais perspectivas. A mesma noção de perspectiva é igualmente crucial na metáfora, na medida em que a metáfora constrói o seu domínio alvo de um ponto de vista particular, isto é, o ponto de vista do domínio origem. A metáfora focaliza e destaca determinados aspectos do domínio alvo e desfocaliza outros (Lakoff & Johnson, 1980; Langacker, 1987). O discurso jornalístico incorpora mais frequentemente ideologia implícita do que explícita. A metáfora

conceptual revela-se uma das estratégias mais eficientes para a transmissão de ideologias implícitas.

O discurso económico é rico em metáforas conceptuais, o que sugere que os conceitos económicos, como abstractos e complicados que são, se tornam individualmente compreensíveis e inter-individualmente apreensíveis quando neles se projecta o conhecimento sobre outros domínios. No discurso ocidental, abundam metáforas de competição, conflito e hostilidade, próprias de uma economia de mercado livre (ver, p. ex., Boers & Demecheleer, 1997; Eubanks, 2000; Dirven, Frank & Pütz, 2003; White & Herrera, 2003; Koller, 2004). Períodos de crise económica e crises mundiais e sistémicas como a que estamos a viver são naturalmente propícios ao pensamento, comunicação e acção metafóricas.

Neste estudo, pretendemos analisar as metáforas conceptuais que estruturam o discurso jornalístico da imprensa portuguesa sobre a actual crise financeira e económica e que o tornam comunicativamente eficaz. A análise baseia-se num *corpus* de notícias e artigos de opinião de jornais nacionais e económicos publicados entre Setembro de 2008 e Março de 2009, principalmente *Público*, *Expresso* e *Diário Económico*, e utiliza o instrumental da teoria cognitiva da metáfora e de outros programas de investigação em Semântica Cognitiva (Silva, 2006; Geeraerts & Cuyckens, 2007). As metáforas conceptuais mais produtivas no *corpus* analisado têm por domínios origem o corpo humano, em particular os seus estados de doença (CRISE É DOENÇA), perturbações atmosféricas e geofísicas (CRISE É TEMPESTADE/SISMO) e a guerra (CRISE É INIMIGO). Analisaremos o funcionamento destas metáforas orgânicas, naturais e bélicas e indicaremos outras metáforas conceptuais presentes no *corpus*. Em seguida, evidenciaremos as suas motivações experienciais, particularmente a experiência humana sensório-motora. Finalmente, mostraremos como elas desempenham uma importante função ideológica.

2. A CRISE É UMA DOENÇA

O modelo cognitivo da DOENÇA é um dos mais produtivos e eficazes na conceptualização da crise financeira e económica. Praticamente todos os estádios e componentes do cenário experiencial e vários do cenário médico da doença são utilizados na comunicação jornalística da crise. Todos sabemos, no que diz respeito a dinheiro e produção de riqueza, que vivemos e continuaremos a viver um longo processo de dor, sofrimento, agonia, que culminará na recuperação ou na morte do sistema financeiro e económico mundial. Há naturalmente lugar para diagnósticos, prognósticos, prescrições e terapias. Subjacente à metáfora CRISE É DOENÇA, está o domínio do ORGANISMO OU CORPO, tipicamente humano, e com ele a metáfora ontológica geral do discurso económico ECONOMIA É ORGANISMO, mais tipicamente ECONOMIA É PESSOA, isto é, as instituições e os sistemas financeiros e económicos são entidades orgânicas, corpos, pessoas que podem ficar doentes e, conseqüentemente, carecer de cuidados médicos. O mesmo vale para quaisquer instituições, pelo que estas metáforas remetem para a metáfora mais geral INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS e a sua implicação conceptual INSTITUIÇÕES PODEM ESTAR SAUDÁVEIS OU SOFRER DE DOENÇA.

As metáforas do corpo e da doença servem para conceptualizar o funcionamento, a complexidade mas também a vulnerabilidade dos sistemas financeiros e económicos, a sua importância capital nas políticas, sociedades e indivíduos, os efeitos desastrosos imediatos e mundiais do seu mau funcionamento, a urgência e concertação de esforços na aplicação de medidas eficazes para tentar recuperar os actuais sistemas financeiros e económicos e ainda a necessidade de os reformar. Mas estas metáforas têm, em última instância, implicações ideológicas, de que falaremos mais adiante.

Vejamos os diferentes estádios do cenário da doença financeira e económica e as analogias estruturais e correspondências ontológicas e epistémicas deste mapeamento metafórico. Em primeiro lugar, o reconhecimento e a identificação da doença pela

observação e análise dos seus sintomas e das suas causas. As entidades e os sistemas financeiros e económicos são declarados organismos *muito doentes* ou mesmo com uma *doença terminal*, como nos exemplos (1) e (2). A gravidade da crise financeira é identificada como *paragem cardíaca*, *ataque de coração*, *colapso*, *hemorragia*, nas suas primeiras e mais fortes manifestações, particularmente bolsistas, como em (3)-(5), e mais extensamente como *doença do coração*, como *cancro* ou, eufemisticamente, *doença terminal*, isto é, metáforas das doenças incuráveis das sociedades modernas.

- (1) Espanha “muito doente” (*Expresso*, 15.11.08)
- (2) Todos os indicadores económicos e financeiros mostram que o mundo está com uma doença terminal (*Expresso*, 27.12.08)
- (3) Quando o crédito bloqueia é como se houvesse uma paragem cardíaca (*Público*, 06.03.09)
- (4) O objectivo é ajudar a estabilizar a economia do país, abalada pelo colapso do sistema financeiro (*Público*, 21.10.08)
- (5) O governo alemão está a preparar o segundo pacote de relançamento económico. O que na prática quer dizer que o primeiro não serviu nem para estancar a hemorragia económica. (*Expresso*, 18.01.09)
- (6) A crise começou no mercado de acções mas agora está a atingir em cheio o coração do sistema, que são os bancos – todos eles. (*Público*, 06.03.09)

A metáfora *CRISE É COLAPSO CARDÍACO* é das mais utilizadas para conceptualizar as quedas mais abruptas das bolsas internacionais durante o mês de Outubro de 2008. Na sua base está a metáfora do *CORAÇÃO* e do sistema sanguíneo: *SISTEMA FINANCEIRO É CORAÇÃO DA ECONOMIA*, como se diz em (6); a crise, que começou por ser financeira, atingiu precisamente os órgãos mais vitais do sistema económico, provocando uma síncope cardíaca ou uma outra alteração patológica do sistema cardíaco. Paralelamente, há uma

dimensão metonímica nesta metáfora: o coração como metonímia da pessoa, de que resulta o sistema financeiro como metonímia da Economia. Se o coração pode representar a pessoa e se o sistema financeiro pode representar o sistema económico, então uma crise financeira pode provocar a morte dos sistemas de produção de riqueza. Não é pois por acaso que as imagens do colapso cardíaco tenham sido escolhidas para categorizar a gravidade e o impacto da crise financeira.

Outra metáfora poderosa é a do VÍRUS, como em (8), e da consequente INFECÇÃO: como microorganismo infeccioso invisível, o vírus rapidamente invade um organismo e, pelo seu poder contagiante, infecta um grande número de organismos, toda uma população, causando uma epidemia. Surgem assim as metáforas CRISE É DOENÇA CONTAGIOSA E CRISE É EPIDEMIA, exemplificadas em (9)-(11), para dar conta da amplitude mundial da actual crise e da sua natureza sistémica (*crise sistémica, efeitos sistémicos, riscos sistémicos*). A metáfora mistura e integra plenamente dois conceitos que, do ponto de vista médico, são geralmente incompatíveis, embora relacionados: “doença num organismo” e “epidemia numa população”.

(8) matar o vírus que há muito enfraquece a economia (*Expresso*, 08.12.08)

(9) Turbulência continua a contagiar bancos europeus (*Público*, 02.10.08)

(10) Maus resultados trimestrais das empresas norte-americanas contaminam bolsas europeias e agravam pessimismo (*Público*, 23.10.08)

(11) Estamos em presença de uma verdadeira epidemia financeira (*Semanário Económico*, 04.10.08)

O diagnóstico da doença financeira e económica inclui naturalmente a observação dos seus sintomas e a identificação das suas causas e dos agentes patológicos. O exemplo (12) é ilustrativo.

Entre as causas, destacam-se os *coágulos* no sistema financeiro que *entopem as artérias*, as *bolhas* e *abcessos* económicos que enchem e rebentam, como em (14)-(15), as *hemorragias* ou a *intoxicação*, mas há também *gripes*, como em (13), *pneumonias*, etc. E os agentes mais infecciosos, os vírus mais nefastos são os famosos *activos tóxicos* ou instrumentos de investimento baseados nos “subprimes” (créditos de alto risco) que se tornaram ilíquidos, como em (16)-(17). O famoso Plano Paulson de socorro à economia americana, adoptado no início de Outubro de 2008, tinha por objectivo principal a eliminação dos activos tóxicos, considerados os principais causadores da crise.

(12) A Economia Mundial, o “paciente”, encontra-se no bloco operatório, entregue aos cirurgiões. Feito o diagnóstico, sabe-se do que padece, embora não se conheça ainda a extensão das lesões. Já foi medicada. (*Expresso*, 08.12.09)

(13) Toda a doença tem uma causa. Mesmo que a doença seja genética, incontornável e incurável. Uma causa que até pode ser risível, uma simples gripe [...] Uma gripe, como o chamado sub-prime (*Público*, 09.10.08)

(14) fazendo temer que o coágulo no sistema circulatório da economia era maior e muito mais difícil de tratar (*Público*, 24.10.08)

(15) [crises] normalmente associadas ao estouro de bolhas (*Expresso*, 11.10.08)

(16) EUA poderão pagar caro pelos activos “tóxicos” dos bancos (*Diário Económico*, 24.09.08)

(17) UE quer limpar activos “tóxicos” para retomar o crédito bancário (*Público*, 09.02.09)

Feito o diagnóstico, segue-se naturalmente o prognóstico da doença financeira e económica. Fazem-se prognósticos muito negativos, de grandes quedas das bolsas e dos mercados, de morte de empresas, de enormes e duradouras recessões económicas.

- (18) Para as pessoas normais, o pico da dor vai ser por volta do segundo ou terceiro trimestre do ano que vem. (*Público*, 16.11.08)
- (19) A crise financeira continua em fase aguda, não havendo melhoria dos principais indicadores de stress (*Expresso*, 22.11.08)
- (20) Uma em cada cinco empresas pode sucumbir com a crise (*Público*, 08.03.09)
- (21) As prioridades serão, certamente, estancar a crise financeira e combater a recessão. (*Expresso*, 20.01.09)

Finalmente, para tentar *salvar* ou *recuperar* a economia, impõe-se um vigoroso combate à doença, que inclui uma série de *tratamentos*, uma *medicação* acertada e eficaz, como em (22)-(25). Entre as metáforas da TERAPIA-MEDICAÇÃO da crise, destacam-se as *injecções* de capital para *recolocar o sangue* (dinheiro, crédito) *perdido*, os *antibióticos*, os *antídotos* e outros medicamentos para combater doenças infecciosas, a *morfina* e outros *analgésicos*, os *balões de oxigénio*, as *transfusões de sangue*, os *choques eléctricos* para *reanimar o coração* parado, os *estímulos* e *tónicos* fiscais ou de outra natureza, as amputações (como no exemplo 25). Todos os programas e todas as medidas de solução da crise, todos os planos de acção, desde os internacionais, como o famoso Plano Paulson, aos nacionais e locais, são *MEDICAMENTOS* e são servidos em *pacotes*.

- (22) A terapia actual não funciona! (*Expresso*, 09.01.09)
- (23) A Administração norte-americana poderá avançar com um plano de injeção de 40 mil milhões de dólares no sistema bancário (*Público*, 24.10.08)
- (24) Ora a principal economia mundial está para lá da pneumonia. E até ao momento ainda não se encontrou nenhum antibiótico que resulte. (*Expresso*, 03.10.08)
- (25) com a reclamação de muitos analistas anti-intervencionistas de se deixar cair o que está podre, de se deixar de injectar mais "morfina" (*Expresso*, 31.01.09)

(26) [energias renováveis] Um tónico contra a crise (*Expresso*, 01.03.09)

(27) O estímulo fiscal parece estar no topo da agenda (*Expresso*, 20.01.09)

O Quadro 1 sintetiza algumas das principais correspondências ontológicas e analogias estruturais que facilitam o *mapeamento* conceptual do domínio abstracto da CRISE a partir do modelo cognitivo da DOENÇA.

Origem	Alvo	analogia estrutural
corpo, pessoa	Economia, instituições	ECONOMIA É CORPO, ECONOMIA É PESSOA, INSTITUIÇÕES SÃO PESSOAS, INSTITUIÇÕES PODEM ESTAR SAUDÁVEIS OU SOFRER DE DOENÇA
coração	sistema financeiro	SISTEMA FINANCEIRO É CORAÇÃO DA ECONOMIA
doença de	crise	CRISE É DOENÇA DE CORAÇÃO/COLAPSO/CANCRO
dor	perda económica	PERDA DE DINHEIRO É DOR
vírus, infecção, epidemia	propagação da crise	CRISE É DOENÇA CONTAGIOSA/EPIDEMIA
sintomas	manifestações da crise	QUEDAS NAS BOLSAS/FALÊNCIAS DE BANCOS E EMPRESAS SÃO SINTOMAS DE DOENÇA
artérias entupidas	falta de dinheiro	DINHEIRO É SANGUE, FALTA DE DINHEIRO SÃO COÁGULOS
agentes infecciosos	activos tóxicos, "subprimes"	ACTIVOS TÓXICOS SÃO VÍRUS, EMPRÉSTIMOS A JURO ALTO SÃO VÍRUS/GRIPE
cirurgião	economista	ECONOMISTA É CIRURGIÃO
medicamentos, terapia	medidas e programas contra a crise	RESOLVER A CRISE/RECUPERAR A ECONOMIA É USAR MEDICAMENTOS/FAZER CIRURGIA/TERAPIA
injecção	dinheiro, capital	DINHEIRO É TRANSFUSÃO DE SANGUE
antibiótico, antídoto analgésico, estímulo	medidas contra a crise	RESOLVER A CRISE É USAR ANTIBIÓTICOS, ANTÍDOTOS, ANALGÉSICOS, ESTÍMULOS

Quadro 1. Correspondências ontológicas e analogias estruturais da metáfora CRISE É DOENÇA

3. A CRISE É UMA TEMPESTADE E UM SISMO

Um segundo modelo cognitivo para a compreensão da crise financeira e económica é o das alterações bruscas e violentas das forças da natureza que provocam destruições e danos materiais e humanos graves e em grandes proporções, como calamidades, cataclismos, catástrofes. O padrão metafórico geral é CRISE É PERTURBAÇÃO DA NATUREZA com efeitos destrutivos, o qual conduz ao padrão mais saliente CRISE É CATÁSTROFE. As metáforas das perturbações e catástrofes naturais são particularmente eficazes para conceptualizar as grandes agitações das bolsas e mercados financeiros, os efeitos destrutivos e em larga escala da crise e sua imprevisibilidade, o infortúnio e a desgraça, mas também a vulnerabilidade dos sistemas financeiros e económicos. É interessante notar as semelhanças entre estas metáforas naturais e as metáforas orgânicas anteriores: primeiro, as correspondências entre CRISE É PERTURBAÇÃO DA NATUREZA e CRISE É PERTURBAÇÃO DO CORPO e, logo depois e com mais força conceptual e comunicativa, CRISE É CATÁSTROFE e CRISE É EPIDEMIA. À semelhança da compatibilização entre doença numa pessoa e epidemia numa população, também aqui a metáfora integra agitação violenta da natureza e catástrofe natural.

Estão presentes dois sub-padrões metafóricos ligados a dois tipos de fenómenos naturais de agitação violenta e danos graves. De um lado, os fenómenos atmosféricos e a conceptualização da crise em termos de *turbulência, tempestade, tormenta, furacão* ("cujo olho negro se encontra em Wall Street", *Público*, 09.10.08), *tufão, tornado, ciclone*. Estas metáforas atmosféricas são utilizadas sobretudo para a crise financeira, particularmente para as suas primeiras manifestações em larga escala. CRISE É TEMPESTADE é uma das metáforas atmosféricas mais utilizadas.

(28) Portugal já entrou na tempestade (*Expresso*, 22.11.08)

(29) O furacão financeiro, como lhe chamaram, tem provocado elevadas desvalorizações das bolsas (*Público*, 19.10.08)

(30) O tufão financeiro está, finalmente, a perder força. (*Jornal de Negócios*, 22.10.08)

Do outro lado, os fenômenos geológicos e geofísicos e a conceptualização da crise como *erupção vulcânica*, *sismo* e *abalo sísmico*, *terramoto*, *movimentos tectónicos* e até *tsunami*. Estas metáforas geofísicas são mais utilizadas para conceptualizar a propagação da crise por todo o mundo, os resultados devastadores da crise financeira e seus efeitos trágicos na economia, na sociedade e na política.

(31) Michel Husson [...] analisa o grande sismo económico em curso (*Público*, 26.11.08)

(32) O terramoto bancário que sacode os Estados Unidos (*Diário Económico*, 08.10.08)

(33) sem que se saiba o que está a acontecer a muitos dos responsáveis do *tsunami* que está a submergir o planeta. (*Expresso*, 09.03.09)

O exemplo (34) mostra que até os economistas mais prestigiados utilizam esta metáfora da catástrofe geofísica.

(34) Crise é um "movimento tectónico e não uma simples tempestade" [...] Como alerta Dan O'Brien: "Isto não é uma tempestade como muitas pessoas falam, não é um fenómeno meteorológico mas geológico. A paisagem económica está a mudar e as movimentações tectónicas estão a ser maiores do que prevíamos." (*Expresso*, 19.01.09)

As metáforas das tempestades e dos sismos têm realizações atmosféricas e geofísicas parciais ou mais específicas: *nuvens negras*, *dias negros*, *ventos fortes*, *temporais*, *ondas gigantes*, *incêndios*, *secas*; *desmoronamentos*, *desabamentos* e *derrocadas* das estruturas económicas; e metáforas aquáticas e marítimas do *afogamento*, *afundamento* e *submersão*. Apenas um exemplo:

(35) Terceira vaga da crise submerge agora os países mais pobres do mundo. O primeiro impacto da onda atingiu os países desenvolvidos. A segunda veio logo a seguir e engoliu os emergentes. São agora os mais indefesos, os mais pobres, que enfrentam uma terceira vaga da crise (*Público*, 05.03.09)

O Quadro 2 sintetiza as correspondências ontológicas e analogias estruturais.

natureza	economia
perturbação da natureza	perturbação da economia
perturbação atmosférica: nuvens negras, ventos fortes, turbulência, tempestade, tormenta, furacão, tufão, tornado, ciclone	crise financeira
perturbação geológica: erupção vulcânica, sismo, abalo sísmico, terramoto, movimentos tectónicos, tsunami	crise financeira, crise económica, crise social

Quadro 2. Correspondências ontológicas e analogias estruturais na metáfora *CRISE É TEMPESTADE/SISMO*

4. A *CRISE É UM INIMIGO*

Um terceiro modelo cognitivo particularmente fértil para a conceptualização do poder invasor e dominador da crise, da sua perigosidade e da necessidade de os governos tomarem medidas capazes de a eliminar é o da *GUERRA*. Este modelo pressupõe o já referido domínio dos *ORGANISMOS* e das *PESSOAS*, quer a metáfora já encontrada *ECONOMIA É PESSOA* quer a metáfora que agora surge *CRISE É PESSOA*, e conduz à metáfora mais específica e saliente *CRISE É INIMIGO*. A metáfora bélica proporciona não só um terceiro modo específico de pensar sobre a crise financeira e económica como também, e sobretudo, um modo específico de agir contra ela. A crise é um inimigo que ataca, fere e pode matar, o que dá origem, justifica e exige acções da parte dos governos e das insti-

tuições financeiras e económicas, nomeadamente declarações de guerra à crise (*respostas à crise*), planos e estratégias de combate (*pacotes de medidas*), mudanças de políticas e de lideranças, reformas das instituições, novas arquitecturas financeiras, pedidos de sacrifícios, etc. E, porque o inimigo seleccionou os maiores centros do poder financeiro e económico mundial, são necessárias acções conjuntas e concertadas de combate por parte dos governos e instituições de todos os países atacados e com a força necessária para vencer o poderoso inimigo (*respostas potentes*). O exemplo (36) é ilustrativo.

(36) A solução para combater a crise, principalmente com uma política monetária sem grande poder de fogo devido à fraca cooperação da banca, é trazer para o campo de batalha todos os trunfos [...] É que a crise continua a agravar-se e não é tempo para deixar armas de política económica guardadas na gaveta (*Expresso*, 29.11.08)

A metáfora do inimigo atrai outras metáforas da guerra ou do combate. Umas são ontológicas: tal como a conceptualização da crise em termos de PESSOA e de INIMIGO, também ideias e medidas como ARMAS OU BOMBAS e planos como TÁCTICAS militares. As metáforas ontológicas servem para referir e quantificar a crise, identificar as suas causas e definir objectivos e acções para a resolver. Outras metáforas são estruturais. Tal como numa guerra ou num combate, a crise e a resposta à crise podem ser divididas em diferentes estádios. Em primeiro lugar, as posições iniciais dos oponentes: as primeiras manifestações da crise e os primeiros planos de reacção das instituições financeiras, económicas e políticas, as *posições comuns* de bancos e governos, os *confrontos no campo de batalha*. Depois, os estádios de *ataque*, *defesa*, *retirada* e *contra-ataque*. Nestes estádios, a elaboração de planos e o uso de estratégias, a aplicação de medidas eficazes que se espera que actuem como *armas* capazes de abater o inimigo, *artilharia pe-*

sada, armas nucleares, bombas nucleares, evidenciando o poder de fogo dos agentes anticrise. E também o abandono de planos, estratégias e medidas que não se mostram eficazes. Finalmente, a (ainda não alcançada) vitória de uma das partes e obviamente a derrota da outra, ou então o mais raro armistício.

(37) Os ministros das finanças preparam mais um ataque (*Diário Económico*, 06.10.08)

(38) Senado tenta alterar plano de resgate de Wall Street (*Público*, 02.10.08)

(39) Artilharia pesada anticrise (*Expresso*, 20. 12.08)

(40) Ainda não foi esta semana que a “bomba nuclear” dizimou a crise (*Expresso*, 31.01.09)

guerra	economia
inimigo	crise
armas, bombas, armas nucleares	ideias, medidas financeiras, económicas
táticas militares	planos financeiros, económicos
posições iniciais dos beligerantes	posições comuns de bancos e governos contra crise
campo de batalha	mercados
ataque do inimigo	ataque da crise
contra-ataque	planos, medidas contra a crise
defesa	protecção dos sistemas financeiros e económicos
retirada	abandono de determinadas medidas contra a crise
vitória/derrota/armistício	superação/agravamento da crise/acalmia

Quadro 3. Correspondências ontológicas e analogias estruturais na metáfora crise é inimigo

5. OUTRAS METÁFORAS DA CRISE

As metáforas orgânicas, naturais e bélicas são as mais produtivas, emocionais e ideológicas. Mas há outras metáforas concep-

tuais no discurso jornalístico sobre a crise que se combinam com as anteriores, sendo algumas instâncias de padrões metafóricos do discurso económico. Por limitações de espaço, vamos ver apenas três casos. Um padrão recorrente é a metáfora mecânica da avaria, que remete para a metáfora geral ECONOMIA É MÁQUINA: CRISE É AVARIA grave do sistema mecânico (*avaria do motor*), pelo que são necessárias *ferramentas* adequadas para a tentar reparar.

(41) Com o motor a gripar no Ocidente (*Expresso*, 22.12.08)

(42) Esse colapso decorre do facto de os três motores que fazem crescer as economias (exportações, investimento e consumo) estarem a entrar em falência ao mesmo tempo (*Expresso*, 02.02.09)

Um outro padrão recorrente pertence à metáfora geral ECONOMIA É VIAGEM e instancia-se como CRISE É RETROCESSO e as variantes da *paragem*, *travagem a fundo*, *derrapagem*, *queda* ou os conceitos astronómicos de *recessão* e *depressão*. A elaboração CRISE É ESPIRAL RECESSIVA, exemplificada em (46), acentua a FATALIDADE da crise actual.

(43) A Europa em marcha atrás (*Público*, 01.03.09)

(44) Portugal vai acompanhar travagem a fundo da economia mundial (*Público*, 09.10.08)

(45) Preço do dinheiro cai a pique (*Expresso*, 15.11.08)

(46) crise mundial de dimensões inéditas que levou a economia global para uma espiral recessiva (*Público*, 06.03.09)

Uma terceira metáfora conceptual, que reforça determinadas implicações conceptuais e emocionais das três metáforas iniciais, é CRISE É FANTASMA OU CRISE É ENIGMA, como em (47)-(49).

(47) Não há nada como o desconhecido para meter medo. E esta crise mete muito medo porque ninguém percebe do que realmente se trata (*Jornal de Negócios*, 04.10.08)

(48) Um novo fantasma ensombra a crise (*Expresso*, 29.11.08)

(49) Mistérios da crise (*Público*, 17.10.08)

6. DA CORPORIZAÇÃO DAS METÁFORAS DA CRISE À SUA FUNÇÃO IDEOLÓGICA

As metáforas da crise financeira e económica mundial fundamentam-se em experiências básicas dos seres humanos, como a doença e a dor no próprio corpo, as alterações atmosféricas e climáticas, incluindo as catástrofes, que, pelo menos, já televisionámos, e as situações de guerra ou luta, de que, pelo menos, temos imagens reais. Estas metáforas, como quaisquer metáforas conceptuais, confirmam uma ideia-chave sobre a cognição humana que tem sido desenvolvida nos últimos anos pela Linguística Cognitiva e outras ciências cognitivas: a *corporização* (“embodiment”) da mente, cognição e linguagem, no sentido de que estes fenómenos se fundamentam no corpo e, por ele, na experiência sensorio-motora, e o princípio epistemológico do *experencialismo*, elaborado em Linguística Cognitiva por Lakoff & Johnson (1999) e presente noutras ciências cognitivas (Varela, Thompson & Rosch, 1991; Edelman, 1992; Damásio, 2000; Gibbs, 2005). Neste sentido geral, a *hipótese da corporização* assume que a corporização física, cognitiva e social está na base dos nossos sistemas conceptuais e linguísticos (ver a síntese de Rohrer 2007).

Há diferentes modos de a conceptualização metafórica da crise financeira e económica se fundamentar em experiências básicas. Um é através de categorias de nível básico, designando quer objectos quer acções, que constituem os domínios origem da doença, da catástrofe e da guerra: por exemplo, os objectos “coração”, “artérias”, “vírus”, “medicamento” e as acções “dor”, “infecção”, “diagnóstico”, “prognóstico”, “tratamento”, constitutivos do evento da “doença” e utilizados na metáfora CRISE É DOENÇA. Estas categorias básicas de objecto ou acção proporcio-

nam os atributos salientes para a estruturação detalhada de atributos do fenómeno da crise financeira e económica.

Um outro modo é utilizar as classes gerais de organismos, pessoas ou objectos como domínios origem. A nossa interacção faz-se com entidades destas três classes e os modos como interagimos com elas são extremamente familiares. Quando nos surgem entidades abstractas, queremos interagir da mesma forma. Esta visão do mundo, habitado por objectos, organismos e pessoas, facilita o manuseamento e manipulação cognitivos da categoria abstracta da crise económica e financeira.

Um terceiro e mais eficaz modo de motivar a conceptualização metafórica da crise é utilizar a nossa experiência mais básica, nomeadamente a experiência sensório-motora. Trata-se do que em Linguística Cognitiva se designa por *esquemas imagéticos* ("image schemas"), isto é, padrões corporizados pré-conceptuais que emergem dos nossos movimentos no espaço, das nossas interacções perceptivas e dos modos de manipulação dos objectos (Johnson, 1987; Hampe, 2005; Silva, 2006). São *pré-conceptuais* tanto no sentido do desenvolvimento do ser humano (adquiridos em idade muito tenra) como no sentido estrutural do pensamento (base para a conceptualização). São exemplos de esquemas imagéticos PERCURSO, CONTENTOR, EM CIMA-EM BAIXO, DENTRO-FORA, CENTRO-PERIFERIA, PARTE-TODO, FORÇA, ELO, CICLO, ESCALA, CONTACTO, EQUILÍBRIO, etc. Os esquemas imagéticos são uma das fontes mais produtivas da metáfora conceptual. Por exemplo, conceptualizamos a vida em termos de uma viagem (VIDA É VIAGEM) e a economia nos mesmos termos (ECONOMIA É VIAGEM) graças ao esquema imagético do PERCURSO.

Há três principais configurações de esquemas imagéticos na base das três metáforas da crise. Um é a orientação DENTRO-FORA e a implicação gestáltica do esquema do CONTENTOR, resultante da nossa experiência táctil e/ou visual quotidiana de colocar objectos dentro de uma área delimitada e tirá-los para fora dessa área. A orientação DENTRO-FORA baseia-se na experiência da delimitação

física e envolve separação, diferenciação e vedação. A experiência do estar dentro do contentor envolve protecção ou resistência a forças externas. Toda esta experiência física é metaforicamente projectada na conceptualização de experiências abstractas, como no caso em análise. As instituições financeiras e económicas ou outras (políticas, sociais, o próprio país, o mundo inteiro) são contentores físicos. A crise é uma força que vem DE FORA PARA DENTRO DO CONTENTOR e invade a área delimitada.

Um segundo esquema imagético é a orientação EM CIMA-EM BAIXO, com a qual construímos o esquema da VERTICALIDADE. Este esquema emerge de milhares de actividades e percepções que realizamos diariamente. Não é pois por acaso que o usamos para compreender muitos fenómenos abstractos. Conceptualizamos o menos, a doença, o ser dominado, a infelicidade, a desgraça, o emocional e também a crise económica como coisas que estão EM BAIXO e os conceitos antónimos como coisas que estão em CIMA. Associados à verticalidade, estão os esquemas imagéticos do EQUILÍBRIO e da QUEDA; construímos os três esquemas a partir das nossas experiências de estarmos de pé e de assim nos deslocarmos sem cairmos. Um sistema financeiro ou económico é entendido como uma organização de subsistemas e de indivíduos e elementos interdependentes trabalhando conjuntamente num equilíbrio dinâmico de forças para a obtenção de determinados resultados. Quando, por alguma razão, o equilíbrio se perde, o sistema pára e cai. Compreendemos assim a crise financeira e económica como a perda de equilíbrio do respectivo sistema e os seus efeitos como uma queda. Associando estes esquemas ao do contentor, resulta que quanto maior for o desequilíbrio e a queda e quanto mais baixo um objecto estiver num contentor, mais difícil será erguer-se, sair desse fundo ou mesmo desse contentor.

Finalmente, o esquema gestáltico da FORÇA, já presente nos esquemas anteriores. As forças físicas estão em todo o lado, tanto dentro dos nossos corpos como fora deles: todas as interacções são exercícios de força; a nossa sobrevivência e a sobrevivência

de qualquer organismo implicam exercer forças. Uma experiência de força envolve interacção, direcionalidade, percurso, origens e metas, graus de intensidade, sequências causais. Em termos gerais, envolve uma *dinâmica de forças*, e esta constitui, como demonstrou Talmy (1988, 2000), um *modelo cognitivo* fundamental. A dinâmica de forças mais saliente é a *oposição de forças*: uma entidade exerce força, a entidade focal ou *Agonista*, e uma entidade mais forte exerce uma contraforça, o *Antagonista*. Usamos as forças e contraforças físicas para conceptualizar um sem número de domínios abstractos: conceitos causais, emocionais, morais, modais, sociais e outros como os económicos e financeiros. A crise é uma força externa, como já vimos, que vem de algum lado mas não se sabe de qual, é imprevisível, realiza um movimento contínuo em direcção às diversas áreas nucleares do sistema contido no contentor e, uma vez aí, espalha-se em várias direcções, é de crescente e elevado poder e intensidade, é um Antagonista, é irresistível e destruidora. A reacção à crise implica uma contraforça de poder e intensidade superior, uma atracção mútua ou gravitação de todas as forças possíveis actuando conjunta e concertadamente contra a força da crise, a aplicação de barreiras que bloqueiem ou desviem a força da crise, a procura das suas origens em ordem a eliminá-la e pode ainda implicar uma auto-reorganização das forças Agonistas.

Ora, é sobretudo através destes três esquemas imagéticos que sustentam as metáforas da crise que estas ganham uma (mais ou menos) dissimulada mas eficaz função ideológica. Há quatro aspectos principais na ideologia transmitida pelas metáforas da doença, da catástrofe natural e do inimigo. Em primeiro lugar, estas metáforas permitem compreender os efeitos devastadores em cadeia e em espiral, em grande escala e inexoráveis da crise, que começou por ser financeira, logo se tornou económica e está a ser social e política, dificultando seriamente a vida das sociedades e dos indivíduos. Ao mesmo tempo, elas servem para despertar e provocar, na opinião pública e nos agentes económicos e

políticos, atenções (tomada de consciência, vigilância), emoções (medo e pânico, sobretudo na opinião pública) e reacções (combate à crise). Esta é a primeira e mais directa leitura das metáforas da crise. Em segundo lugar, estas metáforas servem para fazer passar a ideia de que ninguém sabe nada sobre a actual crise mundial: nem os principais actores, construtores e reguladores dos sistemas financeiros e económicos (banqueiros, economistas, políticos) conhecem as verdadeiras causas da crise e não sabem se a vão conseguir vencer. “O que sabemos sobre a crise é que não sabemos nada”, intitulava o director do jornal *Público* o editorial de 15 de Dezembro de 2008. Mas no nosso modelo cognitivo da realidade nada existe sem ter uma origem ou uma causa e só compreendemos o que existe quando conhecemos as suas causas. São então as metáforas que permitem identificar as causas da crise. Sendo essas causas entendidas em termos de doença, catástrofe natural ou inimigo, isso quer dizer que a crise se deve a causas externas e incontroláveis. Está aqui a função ideológica mais influente e perversa das metáforas da crise: a atribuição da culpa a causas externas, imprevisíveis e incontroláveis e, consequentemente, a desculpabilização dos sistemas financeiros e económicos errados e das más políticas. Finalmente, se os efeitos da crise são inexoráveis e catastróficos, então dificilmente haverá soluções para esta crise se se mantiverem os sistemas vigentes, ou seja, é necessário mudar completamente os sistemas (o mercado livre e o capitalismo são tão maus ou mesmo piores do que outros sistemas), é preciso nascer de novo. Nesta última ideia, mais dissimulada, a crise torna-se metáfora do falhanço dos actuais sistemas financeiros e económicos e da culpa dos seus autores, do mesmo modo que as doenças incuráveis como o cancro e a sida são metáforas da culpa de quem as sofre, como demonstrou Sontag (1991) no seu famoso ensaio sobre a doença como metáfora. A crise torna-se metáfora da oportunidade e essa mudança pode superar a crise mas pode também (qual armadilha) agravá-la ainda mais.

7. CONCLUSÃO

A metáfora dá sentido a um fenómeno tão abstracto, complexo e difícil de entender, como é a actual crise mundial. As principais metáforas conceptuais da crise utilizadas na imprensa portuguesa (e noutras imprensas ocidentais) no período do colapso financeiro (2008-2009) são as metáforas da doença, da catástrofe natural e do inimigo. Entender a crise nestes termos tão humanos e experienciais tem o enorme poder explicativo de fazer sentido para toda a gente. Num momento, já longo e sem fim à vista, de enormes perdas económicas e outras perdas graves na vida das sociedades e dos indivíduos em todo o mundo, provocadas por factores económicos e políticos que ninguém realmente consegue entender, como os famosos “activos tóxicos”, as metáforas *CRISE É DOENÇA*, *CRISE É TEMPESTADE/SISMO* e *CRISE É INIMIGO* proporcionam, pelo menos, uma compreensão coerente das razões dessas perdas. Estas explicações metafóricas das razões e também das dimensões e dos efeitos da crise mundial podem ser simples ou vagas, mas são suficientes para satisfazer as necessidades conceptuais dos leitores em geral, vítimas da crise. Deste modo, estas metáforas *explicativas* tornam-se *constitutivas* da própria conceptualização da crise. Além disso, e no contexto da retórica de persuasão e manipulação do discurso político-económico sobre a actual crise, estas metáforas combinam uma explicação simples com fortes efeitos emocionais.

Além da sua função explicativa e emotiva, as metáforas da doença, da catástrofe natural e do inimigo desempenham uma não menos importante função *ideológica*, tanto no sentido de transmitirem normas e valores para agir e viver, como no sentido de estabelecerem relações sociais de poder. Em qualquer dos sentidos, estas metáforas estabelecem *perspectivas* específicas sobre o mundo e predispõem a opinião pública para tais perspectivas. Vimos que estas metáforas conceptuais são usadas para atribuir a culpa a causas externas e incontrolláveis, ocultar as verdadeiras causas, desculpabilizar as políticas e os sistemas financeiros e económicos do mundo ocidental, ocultar as res-

ponsabilidades dos agentes económicos e políticos, destacar os aspectos perversos e ocultar os aspectos benéficos das economias de mercado livre, e servem ainda para a catarse económica ou para a promessa da mudança radical. A natureza automática e inconsciente destas metáforas e a ideologia implícita que elas transmitem levam a que a opinião pública nem sequer se dê conta de que está a organizar o seu pensamento com base em ideias criadas por outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boers, Frank & Demecheleer, Murielle (1997), A few metaphorical models in (Western) economic discourse. In *Discourse and Perspective in Cognitive Linguistics*, eds. W.-A. Liebert, G. Redeker & L. Waugh, Amsterdam: John Benjamins, 115-129.
- Damáσιο, António (2000), *O Sentimento de Si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Dirven, René, Frank, Roslyn & Pütz, Martin (eds.) (2003), *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Dirven, René, Polzenhagen, Frank & Wolf, Hans-Georg (eds.) (2007). Cognitive Linguistics, ideology, and Critical Discourse Analysis. In *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, eds. D. Geeraerts & H. Cuyckens, Oxford: Oxford University Press, 1222-1240.
- Edelman, Gerald (1992), *Bright Air, Brilliant Fire: On the Matter of the Mind*, New York: Basic Books.
- Eubanks, Philip (2000) *A War of Words in the Discourse of Trade: The Rhetorical Constitution of Metaphor*. Carbondale: Southern Illinois University Press.
- Geeraerts, Dirk & Cuyckens, Hubert (eds.) (2007), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, Oxford/New York: Oxford University Press.
- Gibbs, Raymond (2005), *Embodiment and Cognitive Science*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Hampe, Beate (ed.) (2005), *From Perception to Meaning. Image Schemas in Cognitive Linguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

- Johnson, Mark (1987), *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Koller, Veronika (2004), *Metaphor and Gender in Business Media Discourse: A Critical Cognitive Study*, Basingstoke/New York: Palgrave.
- Lakoff, George & Johnson, Mark (1980), *Metaphors We Live By*, Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Johnson, Mark (1999), *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York: Basic Books.
- Langacker, Ronald W. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar. Vol. 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- Rohrer, Tim (2007). Embodiment and experientialism. In *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*, D. Geeraerts & H. Cuyckens (eds.), Oxford: Oxford University Press, 25-47.
- Sontag, Susan (1991), *Illness as Metaphor. Aids and its Metaphors*, Harmondsworth: Penguin
- Silva, Augusto Soares (2003), O poder cognitivo da metáfora e da metonímia, *Revista Portuguesa de Humanidades* 7, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 13-75.
- Silva, Augusto Soares (2006), *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*, Coimbra: Almedina.
- Talmy, Leonard (1988), Force dynamics in language and cognition, *Cognitive Science* 12, 49-100.
- Talmy, Leonard (2000), *Toward a Cognitive Semantics. Vol. I: Concept Structuring Systems. Vol. II: Typology and Process in Concept Structuring*, Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Varela, Francisco, Thompson, Evan & Rosch, Eleanor (1991), *The Embodied Mind*, Mass.: Massachusetts Institute of Technology.
- White, Michael & Herrera, Honesto (2003), Metaphor and ideology in the press coverage of telecom corporate consolidations. In *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*, eds. R. Dirven, R. Frank & Martin Pütz, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 277-323.